

## III

## OBSESSÃO

Penetrámos o mais espaçoso aposento da casa, onde uma senhora de aspecto juvenil repousava abatida e insone.

Moça de vinte e cinco anos, aproximadamente, mostrava no semblante torturado harmoniosa beleza. O rosto delicado parecia haver saído de uma tela preciosa, todavia, com a suavidade das linhas fisionômicas contrastavam a inquietação e o pavor dos olhos escuros e o abandono dos cabelos em desalinho.

Ao lado dela, descansava outra mulher, sem o veículo físico.

Recostada num travesseiro de grandes dimensões, dava a ideia de proteger a moça indiscutivelmente enferma, contudo, a vaguidão do olhar e o halo obscuro de que se cercava, não nos deixavam dúvida quanto à sua posição de desequilíbrio interior. Conservava a destra sobre a medula alongada da senhora vencida e doente, como se quisesse controlar-lhe as impressões nervosas, e fios cíntenos que lhe fluíam da cabeça, à maneira de tentáculos dum polvo, envolviam-lhe o centro coronário, obliterando-lhe os núcleos de força.

Indiferentes ambas à nossa presença, foi possível observá-las atentamente, identificando-se-lhes a posição de verdugo e de vítima.

Arrancando-nos da indagação silenciosa em que nos demorávamos, Clarêncio explicou:

— A jovem senhora é Zulmira, a segunda orientadora deste lar, e a irmã desencarnada que presentemente lhe vampiriza o corpo é Odila, a

primeira esposa de Amaro e mãe de Evelina, dolorosamente transfigurada pelo ciúme a que se recolheu. Empenhada em combater aquela que considera inimiga, imanta-se a ela, através do veículo perispíritico, na região cerebral, dominando a complicada rede de estímulos nervosos e influenciando os centros metabólicos, com o que lhe altera profundamente a paisagem orgânica.

— Mas, porque não há reação por parte da perseguida? — inquiri, perplexo.

— Porque Zulmira, a nossa amiga encarnada, caiu no mesmo padrão vibratório — aclarou o instrutor. — Ela também se devotou ao marido com egoísmo aviltante. Amaro sempre foi pai afetuosoíssimo. O matrimônio anterior deixou-lhe um casal de filhinhos, mas o pequeno Júlio, formosa criança de oito anos, perdeu a existência no mar. A segunda mulher nunca suportou, sem mágoa, o carinho do genitor para com os órfãos de mãe. Revoltava-se, choramingava e doía-se constantemente, diante das menores manifestações de ternura paternal, entrelaçando-se, por isso mesmo, com as desvairadas energias da irresignada companheira de Amaro, arrebatada pela morte. Em suas preocupações doentias, Zulmira chegou a desejar a morte de uma das crianças. Pretendia possuir o coração do homem amado, com absoluto exclusivismo. E porque as atenções de Amaro se concentravam particularmente sobre o menino, muitas vezes emitiu silenciosamente o anseio de vê-lo afogar-se na praia em que se banhavam. Certa manhã, custodiando os enteados, separou Evelina do irmão, permitindo ao petiz mais ampla incursão nas águas. O objetivo foi atingido. Uma onda rápida surpreendeu o miúdo banhista, arrojando-o ao fundo. Incapaz de reequilibrar-se, Júlio voltou cadaverizado à superfície. O sofrimento familiar foi enorme. O ferroviário sentiu-se psiquicamente distanciado da segunda esposa, classificando-a como relaxada e cruel com os filhinhos. Zulmira, a seu

turno, acabrunhada com o acontecimento e guardando consigo a responsabilidade indireta pelo desastre havido, caiu obsidiada ante a influência perniciosa da rival que a subjugava do plano invisível.

Clarêncio fez ligeiro intervalo e continuou:

— O sentimento de culpa é sempre um colapso da consciência e, através dele, sombrias forças se encontram... Zulmira, pelo remorso destrutivo, tombou no mesmo nível emocional de Odila e ambas se digladiam, num conflito de morte, inacessível aos olhos humanos comuns. E' um caso em que a medicina terrestre não consegue interferência.

Calara-se o Ministro.

Qual se nos registasse a presença por intuição, Odila movimentou-se e, agarrando-se à pobre senhora com mais força, gritou:

— Ninguém a libertará! Sou infeliz mãe espoliada... Farei justiça por minhas próprias mãos!

E contemplando a enferma com expressão terrível, acrescentava:

— Assassina! Assassina!... Mataste meu filhinho! Morrerás também!...

A doente abriu desmesuradamente os olhos. Extrema palidez cobriu-lhe a face.

Não ouvia as palavras da adversária que lhe era invisível, mas, envolta na onda magnética que a enlaçava, sentia-se morrer.

Clarêncio afagou-lhe a fronte e disse, calmo:

— Pobre moça!...

Hilário e eu, instintivamente, abeirámo-nos de Odila para afastá-la com a presteza possível, mas o instrutor generoso deteve-nos com um gesto, advertindo:

— A violência não ajuda. As duas se encontram ligadas uma à outra. Separá-las à força seria a dilaceração de consequências imprevisíveis. A exasperação da mulher desencarnada pesaria demasiado sobre os centros cerebrais de Zulmira e

a lipotimia poderia acarretar a paralisia ou mesmo a morte do corpo.

— Mas, então — clamou Hilário, contrafeito —, como extinguir essa união indébita? Não será justo afastar o alago da vítima?

Clarêncio sorriu e ponderou:

— Aqui, o quadro é diverso. Na esfera carnal, a cápsula física é precioso isolante das energias desequilibradas de nossa mente, entretanto, em nosso plano de ação, no problema que observamos, essas forças desbordam ameaçadoras sobre a infeliz mulher, cujo corpo pode ser comparado a uma lâmpada de fraca receptividade, sobre a qual seria perigoso arremessar uma corrente superior à capacidade de resistência a que se enquadra. A inutilização seria completa.

— Que poderíamos fazer? — indagou Hilário, desapontado.

— Precisamos atuar na elaboração dos pensamentos da infeliz irmã que tomou a iniciativa da perseguição. E' imprescindível dar outro rumo à vontade dela, deslocando-lhe o centro mental e conferindo-lhe outros interesses e diferentes aspirações.

— E não podemos começar, exortando-a?

O Ministro, sereno, obtemperou sem alterar-se:

— Talvez, assim de momento, não pudéssemos ou não soubéssemos. A preparação é indispensável.

— Nada custa uma conversação de censura... — alegou meu companheiro, admirado.

— Sim, uma doutrinação pura e simples seria cabível, contudo, não podemos esquecer que a organização cerebral da vítima permanece excessivamente martelada. Nossa intervenção no campo espiritual de Odila deve ser envolvente e segura para evitar choques e contrachoque, que repercutiriam desastrosamente sobre a outra. Nem doçura prejudicial, nem energia contundente...

O instrutor dirigiu piedoso olhar às duas mulheres e prosseguiu:

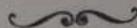
— A questão nesta casa surge realmente melindrosa. É necessário buscar alguém que já tenha amealhado na alma bastante amor e bastante entendimento para conversar com o poder criador da renovação.

Refletiu alguns instantes e aduziu:

— Contamos em nossas relações com a irmã Clara. Rogaremos o concurso dela. Modificará Odila com o seu verbo coroado de luz, inclinando-a ao serviço da conversão própria. Por agora, de nossa parte, sómente nos é possível a dispensação de algum alívio e nada mais.

Recomendou a Eulália assistisse Evelina para o refazimento psíquico de que a menina necessitava e, em seguida, aplicou recursos magnéticos sobre Zulmira, em passes calmantes, de longo curso.

Qual se fosse brandamente anestesiada, a enferma passou da irritação à serenidade e pareceu dormir aos olhos do esposo que chegara, de mansinho, acomodando-lhe os travesseiros.



## IV

## SENDA DE PROVAS

Zulmira ausentara-se do corpo, mas não desfrutava a paz que se lhe estampara na máscara física.

Enlaçada por Odila, a cujo olhar dominador se inclinava, submissa, não nos identificou a presença.

Com evidentes sinais de terror, ouvia as objurgatórias da rival que a acusava, exclamando:

— Que fizeste de meu filhinho? Assassina! assassina! Pagarás muito caro a intromissão no lar que é sómente meu!... Destroçarei tua vida, não me furtarás o afeto de Amaro... Armarei o coração de Evelina contra ti!...

— Não, não!... — respondia a vítima. — Não matei! não foi eu quem matou!...

— Hipócrita! acompanhei os teus pensamentos, teus desejos, teus votos...

Zulmira desembaraçou-se, de inopino, dos braços que a envolviam e correu para fora, seguida pela outra.

Esclarecendo-nos, bondoso, Clarêncio observou:

— Quando a pobrezinha consegue sossegar o corpo, cai no pesadelo agitado. Acompanhemos-las. Dirigem-se à praia, onde ocorreu a morte do pequenino. Premida pelo assédio de nossa irmã desequilibrada, Zulmira ainda não se libertou das aflitivas reminiscências de que se vê possuída.

Pusemo-nos na direção do mar, antecipando-as no trajeto.